

FRANCÊS INSTRUMENTAL: POR UMA PRECISÃO TERMINOLÓGICA

Rita Jover Faleiros
Universidade de São Paulo

Resumo: *A metodologia do Francês Instrumental (FI) inscreve-se dentro das práticas denominadas Francês com Objetivos Específicos (FOS). De fato, o ensino do FI é caracterizado por fazer da compreensão escrita, em detrimento das demais competências (compreensão oral e expressão oral e escrita), sua finalidade para o aprendizado do Francês Língua Estrangeira (FLE), podendo, por essa razão, ser descrito como uma metodologia cujos objetivos são específicos. Entretanto, observamos que grande parte da bibliografia produzida na área do FOS, diferentemente da produzida na área do FI, contempla o desenvolvimento das quatro competências em língua estrangeira, o que revela uma diferença substancial na definição dos objetivos de aprendizagem e, conseqüentemente, nas metodologias desenvolvidas para atingir tais objetivos, seja os propostos para o FI, seja para o FOS. Buscamos, aqui, por meio do histórico e da definição dessas metodologias, que têm, ambas, origem no Francês Funcional, traçar sua especificidade, observar suas convergências e divergências para, assim, propor uma precisão terminológica.*

Francês Instrumental: a didática da recessão

O surgimento do Francês Instrumental (FI), na década de 70, é fruto de uma crise no ensino do Francês Língua Estrangeira (FLE) que, na segunda metade do século XX, perde progressivamente seu papel de língua veicular para o inglês no cenário internacional. De fato, o mundo assistiu a uma redefinição de forças econômicas e políticas (Inglaterra e França, apesar de saírem vitoriosos da Segunda Guerra Mundial, estão devastados, perdendo hegemonia econômica), redefinição essa que gera uma polarização entre duas novas potências: Estados Unidos e União Soviética. Um dos reflexos dessa bipolarização é percebido no tocante ao ensino de línguas.

O inglês ganha, então, força nas nações alinhadas aos norte-americanos, como, por exemplo, nos países sul-americanos. Também na ex-colônias francesas, a língua árabe escrita passa a ocupar um lugar que cabia exclusivamente à língua francesa, no âmbito do ensino e da administração pública.

A questão do ensino de línguas sofreu com as crises mundiais, CUQ & GRUCA (2003: 322-323) observam, que a economia mundial foi bastante afetada pela crise do petróleo na década de 70, o que resultou, na área educacional, uma redução importante no número de aulas para o ensino de línguas estrangeiras e na França, especificamente, a diminuição de recursos para o desenvolvimento de políticas lingüísticas para divulgação da língua francesa no exterior.

Segundo ALVAREZ (1974), o protagonismo da língua inglesa no mundo e o desenvolvimento de seu ensino no mesmo período, também são reflexos de uma mudança de

mentalidades, no sentido de maior orientação dos estudos para a área da ciência e tecnologia, em detrimento das áreas artísticas e culturais:

¹(...) esses fenômenos sociais, econômicos e políticos transformam não só o lugar que ocupa uma língua estrangeira nos estudos, mas também os objetivos que são definidos para esse ensino e, conseqüentemente, os métodos por meio dos quais pretende-se atingir tais objetivos. Ninguém dirá, em 1973, que o francês é ensinado para ler Racine no original. (p.11)

Toda essa redefinição de forças implicou, de maneira geral, a retração do ensino do FLE, ainda mais pelo fato da língua francesa estar fortemente relacionada às diversas manifestações artísticas, de simbolizar um patrimônio de alta cultura, de alto teor “civilizatório”². Tal retração, sentida não apenas na América Latina, aliada, segundo Pietraróia (1996:56), “ao relativo fracasso dos métodos audiovisuais” fez com que se buscassem novos modelos de ensino do FLE, uma nova abordagem da própria língua francesa, capaz não só de dizer “Molière” ou “Rousseau”, mas também de falar de ciência e de tecnologia.

Este contexto de recessão econômica, retração da língua francesa e questionamento da eficácia das metodologias audiovisuais gerou, na França e na América do Sul, respostas didáticas que embora diferentes, em matéria de ensino do FLE, são, de certa forma, convergentes.

Em países tais como o Chile e o Brasil, observou-se, na década de 70, o desenvolvimento do ensino do Francês Instrumental. Ensino caracterizado por seu público e sua demanda específica quanto à aprendizagem do francês. Tratava-se de alunos, de instituições de ensino superior em nível de graduação ou de pós-graduação, cuja necessidade principal era ler textos acadêmicos em francês para o desenvolvimento de sua pesquisa. Em seu prefácio, Italo Caroni (in:Candido, Caroni & Launay,1977: 7) busca argumentar quanto à premência de outra modalidade de ensino do francês, concomitante à já desenvolvida, em razão da impossibilidade de atender a todos aqueles que precisam aprender francês. A citação abaixo sintetiza o momento histórico e contexto socio-econômico da criação dos cursos instrumentais de língua francesa na Universidade de São Paulo.

¹ Todos os textos citados neste artigo, originalmente em francês ou em espanhol, são tradução nossa.

² Segundo Lalande (1926: 163), o termo *civilisation* com a acepção de cultura superior em oposição à barbárie data da segunda metade do século XVIII, enquanto a acepção de conjunto de traços culturais transmissíveis de uma sociedade lhe é posterior, datando do final do século XIX. O seu uso, largamente difundido nos manuais de ensino do FLE para discorrer sobre aspectos culturais da francofonia conserva, a nosso ver, um valor bastante ambíguo.

*O que vem a ser afinal francês instrumental? Antes de mais nada, uma nova orientação imprimida ao ensino da língua francesa no Brasil. **Sem renunciar à tradição humanística da cultura francesa, urge tornar este ensino mais adequado às exigências do contexto econômico e social em que vivemos. O francês deve ser colocado a serviço do desenvolvimento e difusão como uma abertura a mais, uma opção entre outras...***

*(...) Seu objetivo é ir ao encontro das necessidades de aprendizado da língua francesa nos setores universitários onde elas se revelam mais urgentes. Pois, no momento, não dispomos de meios para atender a toda a demanda. O que se pretende é ajudar o estudante universitário a melhor se servir do idioma francês no campo de sua especialidade. Portanto, **tornar o francês mais útil**, integrá-lo ao nosso próprio processo de desenvolvimento, aproximar as ciências humanas das ciências puras e da técnica.(grifo nosso)*

O caráter pragmático e emergencial de seu surgimento define o contorno de cursos desse tipo. A noção de utilidade, de informatividade prevalece sobre o valor cultural e sobre a eventual fruição estética do aprendizado da língua francesa. Em tempo de crise, é necessário definir prioridades.

Francês Funcional: a resposta de além-mar para a crise

Se em países periféricos como os sul-americanos, a retração do ensino do FLE levou à reflexão e ao desenvolvimento de novas práticas no âmbito do ensino/ aprendizagem, na França tal retração era não somente uma preocupação dentro da esfera universitária, mas tinha desdobramentos políticos, institucionais, tratava-se, enfim, de uma questão de Estado, pois o que estava em jogo era difusão da língua francesa e do próprio papel da França no mundo. A crise do ensino do FLE mobilizou instâncias governamentais e pesquisadores para buscar novas abordagens do ensino do FLE que pudessem reverter esse movimento de retração.

Uma das respostas foi a identificação de um público que até então não recebera atenção especial pela didática do FLE, e que, entretanto, revela-se primordial para a revalorização da língua francesa no cenário mundial. Tal público era composto por adultos não francófonos de formação científica, técnica ou de outras áreas profissionais tais como o direito, o turismo e a hotelaria³. A atuação nessa frente representaria, por um lado, um foco de subvenção específico já que o momento econômico não permitia atuação em todas as frentes no incentivo da difusão do francês e, por outro, o desenvolvimento de uma cultura francófila em um público percebido como a nova elite (principalmente pesquisadores, médicos e juristas) e

³ Usamos, aqui, essa distinção entre as áreas de atuação profissional tais como o fazem Lehmann (1980) e Cuq & Gruca (2003), sem que haja discussão sobre a natureza – incontestemente – da cientificidade e da tecnicidade da área médica, jurídica, hoteleira ou turística. A separação serve apenas para distinguir grandes áreas de conhecimento.

a percepção do outro público como agente multiplicador da língua francesa (profissionais da hotelaria e do turismo).

Desenvolve-se, então, uma série de estudos com o objetivo de produzir suportes pedagógicos de ensino do FLE para públicos específicos (adultos com conhecimento prévio da língua francesa, oriundos de áreas específicas de conhecimento) *Vocabulaire général d'orientation scientifique*, Crédif, 1971; *Les langues de spécialité, analyse linguistique et recherche pédagogique*, Saint-Cloud, 1967; Beacco, J. C., Darot, M. (BELC:1978).

A concepção do **francês funcional** representa essa necessidade, histórica, de mudança do paradigma da imagem da língua francesa não apenas como patrimônio cultural, mas como vetor das revoluções científicas e tecnológicas. Lehmann (in: Galisson, 1980:118-123) elenca quatro das acepções mais difundidas para a expressão “francês funcional” pelo fato de que o sucesso do que era, naquele momento, revolucionário para a didática do FLE abarcar práticas metodológicas por demais distintas.

A **primeira acepção** de francês funcional refere-se a todo e qualquer ensino do FLE a público adulto não francófono por meio de práticas previstas pela metodologia da gramática-tradução; por meio do que foi denominado de “língua de especialidades” (modelo inspirado na metodologia audio-visual que fazia uso dos vocabulários específicos acima mencionados) e por meio do francês instrumental. Quanto a este último, o autor observa o fato dessa modalidade de ensino ter sido desenvolvida na América do Sul, no entanto, para ele, ela corresponderia mais à delimitação de públicos e de objetivos do que propriamente à preocupação com o desenvolvimento de uma metodologia particular.

A **segunda acepção**, definida por Lehmann, é o francês funcional renomeado como “ensino funcional do francês”. A razão da necessidade dessa reformulação é que a noção de língua funcional implicaria, por oposição, uma língua que não o seria. O conceito de ensino funcional no lugar de língua funcional, na verdade, é proposta feita por Louis Porcher (1976:6-17) em um número da revista *Etudes de Linguistique Appliquée* dedicado ao francês funcional, na qual ele critica as práticas até então desenvolvidas por não contemplarem, de fato, o novo público e apenas adaptarem elementos lexicais específicos aos métodos audiovisuais então em vigor. Para Porcher, era a essência do ensino que deveria ser repensada em função do perfil do grupo de alunos e de suas necessidades.

Esse ensino funcional, também era orientado para públicos específicos, afasta-se das metodologias audio-visuais por entender que as respostas às necessidade de um público

específico não poderiam ser a mesmas dadas ao público de alunos de francês usual, e incorpora as transformações na área do conhecimento (psicologia, sociologia, lingüística, ciências da educação). O público específico em questão para esse ensino são os mesmos grupos elencados anteriormente: pesquisadores da área científica, técnicos, profissionais das áreas do direito, da medicina, da hotelaria e do turismo.

A **terceira acepção** do funcional é um desdobramento da segunda, com um público, entretanto, ainda mais específico. Trata-se do ensino funcional a adultos imigrantes não francófonos de baixa escolaridade que compunham parte da mão-de-obra não especializada na França na época.

Para Cuq & Gruca (2003:323), o ensino funcional inspirou-se no modelo do francês instrumental em vigor na América Latina e representava uma resposta francesa “de manuseio mais difícil, porém mais próxima das realidades metodológicas” em voga naquele momento, na França.

Finalmente, a **quarta acepção** do francês funcional interessa-nos particularmente. O que caracteriza essa quarta noção de funcionalidade do ensino de línguas não é mais o público a que se destina, mas sim os “procedimentos de determinação de conteúdos de aprendizagem” (Galisson, 1980:122). Observa-se uma renovação metodológica que desloca sua meta do desenvolvimento de uma competência lingüística para o desenvolvimento de uma **competência comunicativa** baseada em um repertório das situações de comunicação e dos atos de fala em jogo em tais situações. Essa nova abordagem do ensino foi consequência dos trabalhos desenvolvidos pelo Conselho da Europa para estabelecer quais seriam os conhecimentos mínimos, nas línguas faladas na Europa, necessários para que os europeus pudessem comunicar-se entre si nas situações cotidianas. Assim foi elaborado *Un niveau-seuil* (Conselho da Cooperação Cultural do Conselho da Europa, Strasbourg, 1976.) O aprendizado em língua estrangeira dar-se-ia em **função** de um objetivo situacional. Essa vertente recebeu o nome, na Inglaterra, de *functionnal approach* ou *english for special purposes* foi, posteriormente, adotada na França com o nome de *français sur objectifs spécifiques*. Para alguns autores, tais como Cuq & Gruca (2003: 324), essa nova vertente anuncia, na metodologia do FLE, a abordagem comunicativa em voga até hoje.

FI e FOS: objetivos específicos, mas distintos

É verdade que, na origem, a busca pela funcionalidade do FLE inspirou a formulação de novas modalidades de ensino. Já comentamos anteriormente que é uma conjuntura histórica na qual componentes de naturezas diferentes criam as condições da renovação da didática do FLE. A *funcionalidade* sinalizava para a busca de eficiência, de um aprendizado voltado para o mundo do trabalho, do cotidiano, opondo-se tanto à tradição do ensino organizado em torno da literatura, quanto à metodologia audio-visual cuja eficácia revela-se decepcionante. No entanto, um mesmo princípio norteador – funcional – gera resultados distintos. Se, inicialmente, instrumental e funcional confundem-se: “Que não se espere neste dossiê a exposição de um novo método para o ensino do francês instrumental **ou** funcional” (Aupecle & Alvarez, 1977:3). Posteriormente, seus campos de ação e seus objetivos serão consolidados diferentemente.

Ambos trazem a novidade de centrar a reflexão didática sobre o aluno e essa talvez seja uma das maiores contribuições desse momento de crise para o desenvolvimento das pesquisas em FLE. Mas, com o distanciamento histórico, é possível considerar as origens do FOS, no início da década de 80, como a vanguarda da abordagem comunicativa, compreendendo o aluno como alguém que deveria estar apto a interagir nas diferentes situações de comunicação do dia-a-dia, o que implica ouvir, falar, ler e escrever. Já o francês instrumental, que até hoje é ensinado em universidades sul-americanas, é voltado para a leitura de textos.

FOS e FI: situação atual

Observamos, hoje, que o FOS já é uma reformulação de uma proposta didática iniciada nos anos 70 e que pode de certa forma ser compreendido diacronicamente como o desenvolvimento do que se chamou “francês técnico e científico”, “língua de especialidades”, “francês funcional” (sem que isso signifique que se tratava de uma mesma metodologia, mas sim a preocupação com um público potencial de alunos de FLE). Ao percorrer os títulos publicados nos últimos vinte anos com a rubrica “FOS”, o que mais se vê são obras voltadas para o mundo profissional em títulos como *Situations et techniques commerciales* (Paris: Hatier, 1987); *La messagerie, Pratique du français commercial* (Grenoble: PUG, 1987); *Négociations commerciales* (Paris: Hachette, 1989); *La voyagerie, Pratique du français du tourisme* (Grenoble: PUG, 1992); *Affaires à suivre* (Paris: Hachette, 2001).

Nessas obras, vemos a preocupação com o desenvolvimento das quatro competências. Dessa forma, tais obras são muito próximas da produção editorial do francês geral como *Reflets* (Paris: Hachette, 1999) ou *Forum* (Paris: Hachette, 2000), com a ressalva de que tais métodos

“FOS”, em sua maioria, sejam dirigidos a alunos de nível intermediário e avançado. Esse aspecto acaba aproximando tais métodos das primeiras formulações das línguas de especialidade que previam o aprendizado de francês em três etapas, sendo a primeira comum a todos, ou seja, de francês geral. A partir do segundo nível, o aluno seria progressivamente sensibilizado ao léxico em francês de sua área de atuação.

O francês instrumental, diferentemente do francês com objetivos específicos, manteve seu nome original, apesar disso, houve significativa transformação em sua prática (ainda que ele conserve um caráter emergencial: cursos de curta duração, resultados rápidos). Se, inicialmente, ensinava-se FI para alunos com conhecimentos básicos de língua francesa, hoje, seu público é composto por alunos que, de maneira geral, nunca estudaram francês (isso é, pelo menos, o que o professor deve esperar de seu grupo).

Por uma precisão terminológica

É verdade que, na origem, o FI poderia compreender o desenvolvimento de competências de expressão e compreensão oral. No entanto, essa tendência não se manteve no ensino do FI que acabou consolidando-se pelo trabalho centrado na leitura. Se na origem FI/ FOS convergem, atualmente, eles remetem a objetivos distintos, prevendo, portanto, estratégias distintas. Enquanto a aula de Instrumental será dada em português, o curso de FOS privilegiará a imersão em língua francesa nas situações de comunicação específicas às áreas em questão (medicina, direito, turismo etc.).

Em um curso de FI o aluno deverá conscientizar-se dos processos em questão no momento da leitura, e, principalmente das estratégias de que lança mão quando lê em língua materna, tais estratégias devem ser reempregadas em língua estrangeira, isso significa que grande parte das atividades desenvolvidas em um curso de FI não são estritamente lingüísticas, referentes a um novo código a ser aprendido, mas sim de ordem cognitiva, de processos mentais em jogo para construção de sentido. Os elementos morfossintáticos entram em cena, em uma aula de FI, para que tais processos cognitivos desenvolvam-se. Buscamos analisar as componentes do texto, a forma como coesão e coerência são constituídas, suas redes anafóricas, sua condição de produção e de recepção, seus objetivos, sua tipologia predominante. Evidentemente, a manifestação de todos esses aspectos é verbal, portanto de ordem lingüística, mas sua dimensão não se restringe exclusivamente a uma língua.

O conceito de “instrumento”, que nomeia esse tipo de curso, está relacionada à noção de informatividade que essa atividade assume na década de 70, quando é implementada no Brasil. O “instrumento” é uma espécie de chave de acesso por meio da qual se retirariam as informações de que o pesquisador precisa em um texto científico redigido em francês. Hoje, com as contribuições dos trabalhos na área da psicolinguística, da análise do discurso, da pragmática, dificilmente alguém diria que, ao ler, “retiramos” as informações que nos interessam. Essa idéia vale, talvez, para um tipo de leitura bastante específico (e limitado): a consulta do horário de vôo em um painel no aeroporto, a cotação do dólar no jornal, o horário do cinema em um *site*... Segundo Dorronzoro & Klett (2001):

“(…) Nesse sentido, é importante observar que (...) na universidade lê-se para aprender e, por isso, o projeto didático não pode reduzir a função da leitura a uma ferramenta de acesso a outro código linguístico ou ainda concebe-la apenas como um meio para abordar conteúdos de outras disciplinas.

Muito pelo contrário, a compreensão da língua escrita, em qualquer língua que seja, deve ser compreendida (...) como um meio, um instrumento para desenvolver capacidades de pensamento e para construir novos saberes. Nesse sentido, ela não só facilita uma forma de ação mental, como ao ser assimilada, permite ao indivíduo organizar a percepção e a recepção de informação, mas também e sobretudo desenvolver as formas mais complexas de pensamento discursivo, ou seja, chegar a um plano mais abstrato, mais elevado da linguagem, possibilitando a tirada de conclusões sobre a base de raciocínios lógicos sem ter de recorrer à experiência imediata.”

Cabe, então, que reflitamos sobre a nomenclatura “Francês Instrumental” pois “instrumento” externo, simplificador não há, e sim processos bastante complexos em jogo, no ato da leitura.

Bibliografia:

AUPECLE, Maurice; ALVAREZ, Gerardo. *Français Instrumental et Français Fonctionnel*. 2^o Rencontre Mondiale des Départements d’Etudes Françaises. AUPELF. Strasbourg, 17-23 julho.

ALVAREZ, Gerardo. L’enseignement du français en Amérique Latine: bilan et perspectives. Revista *Le Français dans le Monde*. n.102 Paris: Hachette, 1974.

_____. Inventaire des expériences d’enseignement fonctionnel du français. In: *Le Français dans le Monde*. n.147 Paris: Hachette/Larousse, 1979.

CÂNDIDO, Antonio et al. *O Francês Instrumental: a experiência da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Hemus, 1977.

CORACINI, Maria José (org). *Ensino instrumental de línguas*. São Paulo: Educ, 1987.

COSTA, Heloisa Brito de Albuquerque. Um ensino específico da leitura: o ensino instrumental. In: *Caderno do Centro de Línguas FFLCH/ USP* n.1 (1997) São Paulo: Humanitas/ FFLCH / USP, 1997.

CUQ, Jean-Pierre (dir.). *Dictionnaire de didactique du français*. Paris: ADISFLE/ Clé International, 2003.

CUQ, Jean-Pierre; GRUCA, Isabelle. *Cours de didactique du français langue étrangère et langue seconde*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2003 (collection FLE)

DAMATO, Diva B. CAMPOS, Regina S. Français Instrumental pour les étudiants de philosophie et de sciences sociales de l'Université de São Paulo. *Revista Elos "O francês no Brasil"* . n.1. Rio de Janeiro, 1979.

DORRONZO, Maria Ignacia; KLETT, Estela. Lecto-comprensión em lengua extranjera y materna. Algunos resultados de investigación.< <http://www.educ.ar>.> Acesso em: 12 setembro 2005.

GALISSON, Robert; COSTE, Daniel. *Dicionário de didática das línguas*. Coimbra: Almedina, 1983.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Correia et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Título original: *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*.

LEHMANN, Dennis. Français fonctionnel, enseignement fonctionnel du français. In: GALISSON, Robert. *Lignes de force du renouveau actuel en DLE*. Paris: Clé International, 1980.

_____. *Lecture fonctionnelle de textes de spécialité*. Paris: CREDIF, Didier, 1980.

PIETRARÓIA, Cristina M. C. Dispersion et Banalisation du Français Instrumental In: *Rencontres* n.1 São Paulo: Departamento de Francês PUC/ SP, 1992.

_____. *Percursos de leitura* São Paulo: Annablume, 1997.

PORCHER, Louis, Monsieur Thibaut et le bec Bunsen, *Etudes de Linguistique Appliquée* n.23 Paris: 1976.